

OLIMPIADAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Ensino Secundário

2.ª Fase

Duração da prova: 90 minutos.

Data: 11 de maio de 2017

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta indelével, azul ou preta.

Escreva, de forma legível, a numeração dos grupos e dos itens, bem como as respetivas respostas. Todas as respostas devem ser registadas na folha de respostas.

Por cada item, apresente apenas uma resposta. Se escrever mais do que uma resposta a um mesmo item, apenas é classificada a resposta apresentada em primeiro lugar.

As respostas ilegíveis ou que não possam ser claramente identificadas são classificadas com zero pontos.

Para responder aos itens de escolha múltipla, escreva, na folha de respostas:

- o número do item;
- a letra que identifica a opção escolhida.

As citações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

A ortografia dos textos e de outros documentos segue o Acordo Ortográfico de 1990, devendo o mesmo ser respeitado na redação das respostas.

Grupo I

Leia o texto que abaixo se transcreve.

1 Calisto Elói de Silos e Benevides de Barbuda queria que se venerasse o passado, a moral antiga como o monumento antigo.

Por fins de janeiro, chegou a Lisboa. A estreia parlamentar de Calisto de Barbuda fez hiperbólico estrondo nos salões da aristocracia legitimista, que abriu suas portas ao esperançoso Berryer¹ de Portugal.

Aconteceu-lhe frequentar, uma noite por outra, a sala de um antigo desembargador do paço, que era pai de duas galantes senhoras, uma casada e outra solteira.

Soou aos ouvidos de Calisto Elói que uma das ilustres damas enodoava sua gentileza e prosápia, violando os deveres de esposa. Fez-lhe sangrar o coração honrado tão funesta nova, e comunicou ele o seu espanto e dor ao colega abade. O abade desfechou-lhe na cara uma estalada de riso civilizado, e disse-lhe:

– Ora o morgado tem coisas! V. Ex.^a parece que caiu, há pouco, de algum planeta! Se o morgado tem de espantar-se por cada caso destes que chegar ao seu conhecimento, a sua vida na capital tem de ser um permanente ponto de admiração!... Deixe correr o mundo...

– Que remédio! – atalhou o morgado – Mas o que eu farei é sacudir o pó dos meus botins à porta das casas cuja desordem de costumes me escandalizar. Não voltarei a casa do desembargador Sarmento.

– Faça V. Ex.^a o que quiser; porém, consinta que eu reprove semelhante procedimento, por duas razões: seja a primeira, que o desembargador e a família receberam o sr. morgado com cordial afeto; segunda razão, é que V. Ex.^a já não está em idade de perder a sua virtude seduzida por maus exemplos. Faça como eu: lamente as misérias dos homens, e viva com eles, sem participar-lhes dos defeitos; porque, meu nobre amigo, se a gente vai a rejeitar as relações das famílias, justa ou injustamente abocanhadas pela maledicência, a poucos passos não temos quem nos receba.

– Eu tenho os meus livros – acudiu Calisto.

– E os seus livros, as suas crónicas, os seus clássicos gregos e latinos não lhe contam enormes desmoralizações? V. Ex.^a, que leu a vida romana em Tácito, e Apuleio, e no *Festim de Trimalquião* de Petrónio²... Pois se o meu amigo pode ler sem horror as infâmias das saturnais, e quejandas protérvias dos antigos tempos, como pode espantar-se do que ouve dizer da filha do desembargador Sarmento, que, afinal de contas, pode estar inocente do crime que lhe assacam?! Não a vê V. Ex.^a filha cuidadosa, mãe estremeçada, e esposa honesta na aparência? Já a ouviu defender teses da moral do adultério? Que lhe importa a V. Ex.^a o que se passa lá na vida particular da mulher?

– Acho-lhe razão, sr. abade, não tanto pelo que disse, como pelo que não disse. As pessoas de vida impoluta devem acercar-se daquelas que prevaricam. Lá vem uma hora em que o conselho é tábua salvadora... Quem sabe se eu terei predestinação de desviar aquela senhora do caminho mau?!...

Numa das seguintes noites, foi Calisto ao chá do desembargador Sarmento. Achou mais abatido e melancólico o antigo magistrado. Crê-se que Sarmento lhe dissera que sua filha Catarina, depois de haver casado por paixão cedo se desaviera da vontade do marido, e este da estima dela; de modo que raro dia deixavam de altercar e renhir por

¹ Pierre-Antoine Berryer (1790-1868) foi um eminente advogado e parlamentar francês.

² O historiador Tácito (55-117 d. C.) e os romancistas Apuleio (125-180 d. C.) e Petrónio (? – 66 d. C.) foram autores consagrados na literatura latina.

motivos insignificantes. Disto resultava a tristeza constante do velho, acrescentada agora com ter-lhe dito alguém que sua filha andava infamada pela voz pública.

45 Daí a pouco, o morgado da Agra³, buscando azo de estar apartado com Catarina a um canto da sala, e praticando sobre livros perigosos, rompeu nesta pergunta:

– A sr.^a D. Catarina já leu Homero?

– É romance? – disse ela.

– Romance ou fabulário de alta moral lhe havemos de chamar; não já romances de
50 uns que por aí empestam a sociedade. Na *Ilíada* de Homero achei dois pares de casados: um é Páris, que se matrimoniou com Helena; o outro é Ulisses, que se casou com Penélope. Os primeiros, cobiçosos e voluptuários, cobriram a Grécia de calamidades; os segundos, prudentes e discretos, foram o modelo do tálamo ditoso. Ninguém devera casar sem muito ler e sem aplaudir aqueles preceitos do casamento escritos pelo eminentíssimo
55 Plutarco⁴.

– Não conheço – disse a dama... – Li *Le mariage*, de Balzac⁵.

– Não sei quem é; deve ser francês.

– Pois não leu?

– Eu não leio francês. Não me chega o meu tempo para tirar águas sujas de poços
60 infectos. Plutarco é oráculo nesta matéria. Algumas senhoras conheço eu casadas que andam com os braços nus fora das alcovas do seu leito nupcial!...

– E isso que tem? – atalhou a dama – É a moda...

– A moda, que franqueia as portas aos ruins desejos, às cogitações viciosas, aos
65 afrontamentos ao pudor. Aquela filha de Pitágoras, a quem encareceram o feitio do braço, respondeu: “Belo é; mas não para ser visto.” Na *Andrômaca* de Eurípedes⁶, Hermíone exclama: “Infelicitei-me, consentindo que de mim se achegassem mulheres perversas.” Quantas damas de hoje em dia poderão dizer, e na consciência o estarão dizendo:
70 “Consenti, para minha desgraça, que perversos homens convizinhassem de mim!...”

– Mas onde quer V. Ex.^a chegar com o seu discurso? – interrompeu a filha do desembargador.

– À razão da sr.^a D. Catarina, minha senhora.

75 – Como assim?! Quem o autoriza...

– As lágrimas de seu Ex.^{mo} pai.

– Mas – interrogou irada e rubra de despeito a dama – que ousadia a de V. Ex.^a falar
80 assim a uma senhora que apenas conhece!... Olhe que essas liberdades de província não se usam cá em Lisboa.

– Não se moleste assim, minha senhora. Respeito tanto V. Ex.^a quanto estimo seu
venerando pai. O atrevimento é grande, maior será a magnanimidade de V. Ex.^a em
perdoar-mo. No propósito de conjurar a tormenta, que se encapela e ameaça de soçobrar
85 a felicidade de uma família ilustre, é que eu, sr.^a D. Catarina, me afoitei a ser o advogado espontâneo do bem de todos.

– Agradeço-lhe o zelo, mas agradecera-lhe mais a discrição – disse D. Catarina; e retirando-se, fez uma cerimoniosa mesura a Calisto.

Não voltou mais à sala a dama.

Camilo Castelo Branco, *A Queda de um Anjo*, Porto: Porto Editora, 2003,
pp. 12; 22; 32; 64-69 (texto com supressões)

³ Calisto Elói era morgado da Agra.

⁴ Plutarco (46-112 d. C.) foi um dos mais notáveis autores gregos da época imperial romana. Dominam os seus escritos as preocupações morais.

⁵ *O casamento*, de Balzac (1799-1850).

⁶ Eurípedes (480-406 a. C.) foi um dos maiores tragediógrafos gregos.

Para responder a cada um dos itens de **1** a **10**, selecione a opção correta, de acordo com o sentido do texto.

Escreva, na folha de respostas, o número de cada item e a letra que identifica a opção correta.

1. Com a expressão “quejandas protérvias” (linha 30), o abade refere-se a:

- a. protestos da mesma natureza.
- b. impunidades congêneres.
- c. similares impudências.
- d. ignotas impudícias.

2. A tristeza do desembargador Sarmiento resultava:

- a. do abatimento físico e da melancolia da velhice.
- b. do infundo litígio com a filha e com o genro.
- c. das constantes desavenças conjugais em casa da filha.
- d. das minudências que originavam as suas alterações com o genro e com a filha.

3. Na linha 53, “tálamo ditoso” é sinónimo de:

- a. conúbio feliz.
- b. aventureiro enlace matrimonial.
- c. luxuriosa aliança.
- d. requintada alcova nupcial.

4. Com as palavras “Eu não leio francês!” (linha 58), o protagonista pretende dizer que:

- a. não lhe chega o tempo para aperfeiçoar os conhecimentos de francês.
- b. o grau rudimentar de proficiência em língua francesa não lhe permite ler Balzac.
- c. sente repulsa pela literatura francesa.
- d. a literatura francesa é entediante.

5. Na linha 59, a frase “Plutarco é oráculo nesta matéria” significa:

- a. Plutarco é um eminente vedor de recursos subterrâneos.
- b. Plutarco conhece os oráculos divinos sobre os recursos hídricos.
- c. Plutarco fala com ar de mistério acerca dos preceitos do casamento.
- d. Plutarco é uma autoridade no âmbito dos compromissos do enlace matrimonial.

6. A citação de Eurípedes (linhas 65-68) serve a Calisto para alicerçar a ideia de que:

- a. o convívio com indivíduos sem escrúpulos favorece a desgraça.
- b. a convivência com mulheres desgraçadas propicia a perversidade.
- c. o convívio com homens devassos conduz ao infortúnio.
- d. a convivência com pessoas despudoradas é geralmente inócua.

7. No segmento “é que eu (...) me afoitei a ser” (linha 84), a expressão sublinhada equivale a:

- a. me esforcei por.
- b. ousei.
- c. me apressei a.
- d. tive receio de.

8. A figura de estilo presente em “abriu suas portas ao esperançoso Berryer de Portugal” (linhas 4-5) é:

- a. alegoria.
- b. uma antonomásia.
- c. um eufemismo.
- d. uma sinédoque.

9. A função sintática de “V. Ex.^ª” (linha 32) é:

- a. vocativo.
- b. predicativo do sujeito.
- c. complemento direto.
- d. sujeito.

10. A forma verbal “desaviera” (linha 41) encontra-se no:

- a. pretérito mais-que-perfeito do modo conjuntivo.
- b. pretérito imperfeito do modo indicativo.
- c. pretérito mais-que-perfeito do modo indicativo.
- d. pretérito perfeito do modo indicativo.

Grupo II

Seduzida pelo príncipe troiano Páris Alexandre, Helena abandonou o seu marido, Menelau, rei de Esparta. Segundo a lenda, terá sido esta a causa da longa guerra de Troia.

Na *Ilíada* de Homero, consciente da mortandade que a sua presença em Troia desencadeia, Helena reconhece perante Heitor – irmão de Páris e um dos mais valorosos troianos – que não é alheia ao sofrimento de tantos homens e mulheres. Após a morte do cunhado, a mesma ideia é retomada nas palavras com que dele se despede.

Leia o texto a seguir transcrito.

- 1 “Cunhado da cadela fria e maldosa que eu sou,
quem dera que naquele dia quando me deu à luz minha mãe
a rajada maligna da tempestade me tivesse arrebatado
para a montanha ou para a onda do mar marulhante,
5 onde a onda me levasse antes de terem acontecido tais coisas.
Porém uma vez que os deuses decretaram tais males,
quem me dera ter sido esposa de um homem mais digno,
a quem atingisse a raiva e os muitos insultos dos homens.
Mas este homem não está no seu perfeito juízo, nem alguma vez
10 estará: penso que dos frutos de tudo isto ele terá o proveito.
Mas agora entra e senta-te nesta cadeira, ó cunhado,
já que a ti sobretudo o sofrimento cercou o espírito,
pela cadela que sou e pela loucura de Alexandre.
Sobre nós fez Zeus abater um destino doloroso, para que no futuro
15 sejamos tema de canto para homens ainda por nascer.”

Homero, *Ilíada*, VI, 344-358

- Heitor, de longe o mais estimado no coração de todos os cunhados!
Na verdade o meu marido é Alexandre semelhante aos deuses,
que me trouxe para Troia. Quem me dera ter morrido antes disso!
Pois na verdade este é já o vigésimo ano
20 desde que saí de lá e deixei a minha pátria.
Mas de ti nunca ouvi uma palavra desagradável ou desabrida.
Mas se alguém falava mal de mim no palácio –
dentre os teus irmãos ou irmãs ou cunhadas de belos vestidos
ou a tua mãe (mas teu pai foi sempre amável como um pai) –
25 tu com palavras os impedias e convencias,
graças à tua bondade e às tuas palavras.
Por isso eu choro-te a ti e a mim, desafortunada, com coração pesado;
pois já não tenho ninguém na ampla Troia
que seja amável ou amigo, mas a todos causo repugnância.

Homero, *Ilíada*, XXIV, 762-775

Tradução de Frederico Lourenço, Lisboa: Edições Cotovia, 2005, pp.142; 497.

Para responder a cada um dos itens de **1 a 5**, selecione a opção correta, de acordo com o sentido do texto.

Escreva, na folha de respostas, o número de cada item e a letra que identifica a opção correta.

1. Referindo-se à *Ilíada*, Calisto Elói observa que Páris e Helena, “cobiçosos e voluptuários, cobriram a Grécia de calamidades”. Nos excertos homéricos transcritos, Helena considera que:

- a. Páris é um homem íntegro e ela é uma criatura vil.
- b. Páris é um insensato e ela uma vítima da animosidade troiana.
- c. Páris é louco e ela é estimada no coração de todos os cunhados.
- d. Páris é divino e ela é por todos idolatrada.

2. A expressão “mar marulhante” (linha 4) encerra:

- a. uma metáfora.
- b. um eufemismo.
- c. uma aliteração.
- d. uma hipálage.

3. Na linha 21, “desabrida” é sinónimo de:

- a. apressada.
- b. melíflua.
- c. blandiciosa.
- d. inclemente.

4. Na linha 2, a forma pronominal “me” desempenha a função sintática de:

- a. complemento direto.
- b. complemento indireto.
- c. predicativo do complemento direto.
- d. complemento oblíquo.

5. A forma verbal “tivesse arrebatado” (linha 3) é a terceira pessoa do singular do:

- a. pretérito imperfeito do conjuntivo, na voz passiva.
- b. pretérito mais-que-perfeito do conjuntivo, na voz ativa.
- c. pretérito imperfeito do conjuntivo, na voz ativa.
- d. pretérito perfeito do conjuntivo, na voz passiva.

Grupo III

No excerto de Camilo Castelo Branco, Calisto Elói alude à importância da literatura, distinguindo os seus livros (imprescindíveis companheiros que lhe nutrem a existência) de outros “que por aí empestam a sociedade” (linha 50).

Num texto bem estruturado, de 200 a 300 palavras, apresente uma reflexão sobre a importância da literatura.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se uma palavra qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2016/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados, há que atender ao seguinte: – um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido; – um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos

Fim da prova

Cotações

Grupo I

1.	8 pontos
2.	8 pontos
3.	8 pontos
4.	8 pontos
5.	8 pontos
6.	8 pontos
7.	8 pontos
8.	8 pontos
9.	8 pontos
10.	8 pontos

.....80 pontos

Grupo II

1.	8 pontos
2.	8 pontos
3.	8 pontos
4.	8 pontos
5.	8 pontos

.....40 pontos

Grupo III

Estruturação temática e discursiva	50 pontos
Correção linguística	30 pontos

.....80 pontos

Total 200 pontos